Adeus à pioneira Vera Brant

» MARIANA LABOISSIÈRE
» IRLAN ROCHA LIMA

Morreu ontem em Brasília, por volta das 6h, a pioneira Vera Brant, aos 87 anos. Vera travava uma batalha contra um câncer na laringe, doença que a debilitou nos últimos três anos e se agravou após complicações respiratórias. A mineira, natural de Diamantina, chegou a Brasília em 1960. Atualmente, morava no Lago Sul. Foi amiga de grandes personalidades brasileiras, como Juscelino Kubitschek, a quem era tida como confidente, e o antropólogo Darcy Ribeiro, amigo de infância. Ao lado desse último, ajudou a criar a Universidade de Brasília (UnB), onde ela deu aulas.

Vera Brant exerceu o cargo de inspetora de ensino do Ministério da Educação, trabalhou por quase quatro décadas como empresária no ramo imobiliário e ainda se dedicou à literatura. Ela assinou obras como *Ensolarando Sombras, Ciclotímica, A solidão dos outros* e *Carlos, meu amigo querido*, no qual reuniu correspondências trocadas com o poeta Carlos Drummond de Andrade. O corpo da pioneira foi velado, no fim da tarde de ontem, na casa onde ela morava, na QI 19, e será enterrado hoje, às 11h, na Ala dos Pioneiros, no Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul.

Embora Vera nunca tenha se casado nem deixado filhos, criou três sobrinhos. O mais novo deles morava com ela até hoje e passou a madrugada ao lado da tia. Celso Brant Sobrinho, 53 anos, o do meio, viveu com a pioneira até os 36 anos e, há um ano, mudou-se para Goiânia (GO). Assim que soube da morte da tia, viajou a Brasília para prestar as últimas homenagens a quem descreveu como uma pessoa humana, patriota, nacionalista, idealista e brasiliense de coração.

Em entrevista por telefone ao **Correio**, Celso se emocionou ao falar de Vera. "Ela foi a nossa mãe, alguém sem igual, que teve acesso aos mais poderosos e ajudou pessoas em todos os níveis sociais. Ela nunca visou nada em proveito próprio. Diria apenas que ela teve o dissabor de ver a nossa maravilhosa cidade não ser cuidada como deveria", argumentou. Segundo ele, Vera gostava de se reunir em casa na companhia de amigos e não dispensava uma seresta.

Guardiã da cidade

Vera escreveu vários artigos para o **Correio**. O último deles foi publicado em 18 de agosto, em *Opinião*. No texto, ela trazia as impressões sobre a reforma do aeroporto de Brasília, a partir de quando esteve no terminal acompanhada de Juscelino Kubitschek. "Estive visitando o Aeroporto JK, devidamente reformado. Majestoso! Imenso! Todo envidraçado, permitindo a visão da cidade e do céu exageradamente lindo. Voltei pensando na alegria do meu amigo Juscelino, se pudesse imaginar que, um dia, aquele aeroporto extraordinariamente belo teria o seu nome", escreveu.

Amigos também lamentaram a perda da pioneira. O jornalista Silvestre Gorgulho a destacou como uma guardiã da cidade e lembrou um episódio vivido quando Darcy Ribeiro estava no hospital. "Ele falou com a Vera se ela não queria trocar de lugar com ele, e eu questionei se ela teria se chateado com a brincadeira, mas ele, então, me disse: 'A Verinha, se chateado?! Nunca. Você não conhece a Verinha. Ela é o único e verdadeiro anjo que tem sexo'."

Fernando Brant, primo de segundo grau, foi pego de surpresa com a notícia da morte de Vera. Ao tomar conhecimento pelo **Correio**, antes de começar a preparar o café da manhã, em Belo Horizonte, o poeta e letrista, parceiro mais frequente de Milton Nascimento, afirmou: "Perdi o meu dia, e Brasília perdeu uma de suas moradoras mais ilustres e importantes, que faz parte da história da capital do país".

O artista mineiro tinha em Vera sua principal referência na cidade. "Toda vez que eu ia a Brasília a visitava. Era sempre recebido com carinho, com uma comidinha caseira saborosíssima, e me enriquecia com tantas histórias interessantes que ela armazenou ao longo da vida. Certa vez, levei Gonzaguinha até a casa dela, no Lago Sul, e eles bateram um longo papo. Vera convivia com os bons e se mantinha à distância dos canalhas."

O historiador e jornalista Adirson Vasconcelos a descreveu como uma amante da cidade e defensora dos ideais de Brasília. "Vera foi por toda vida uma batalhadora em defesa dos grandes objetivos cívicos da capital", mencionou.

Manchete/Arquivo

Vera Brant com o ex-presidente da República e fundador de Brasília Juscelino Kubitischek...

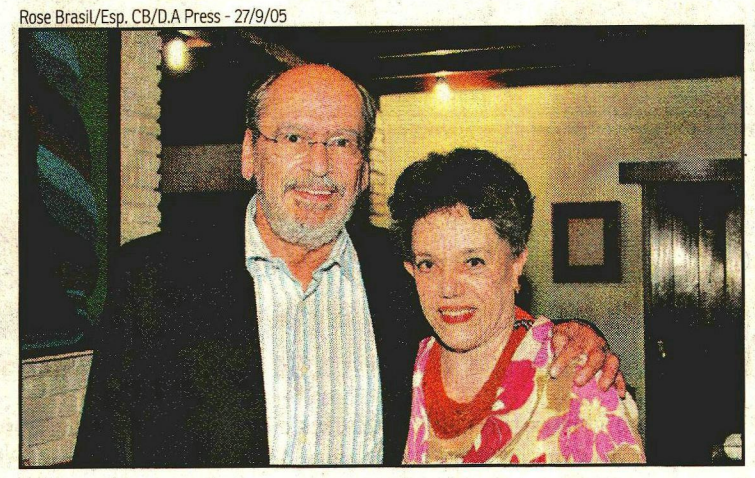
Arquivo CB/CB/D.A Press

... Com o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim...

Arquivo/Divulgação

... Com o arquiteto Oscar Niemeyer...

Rose Brasil/Esp. CB/D.A Press - 27/9/05

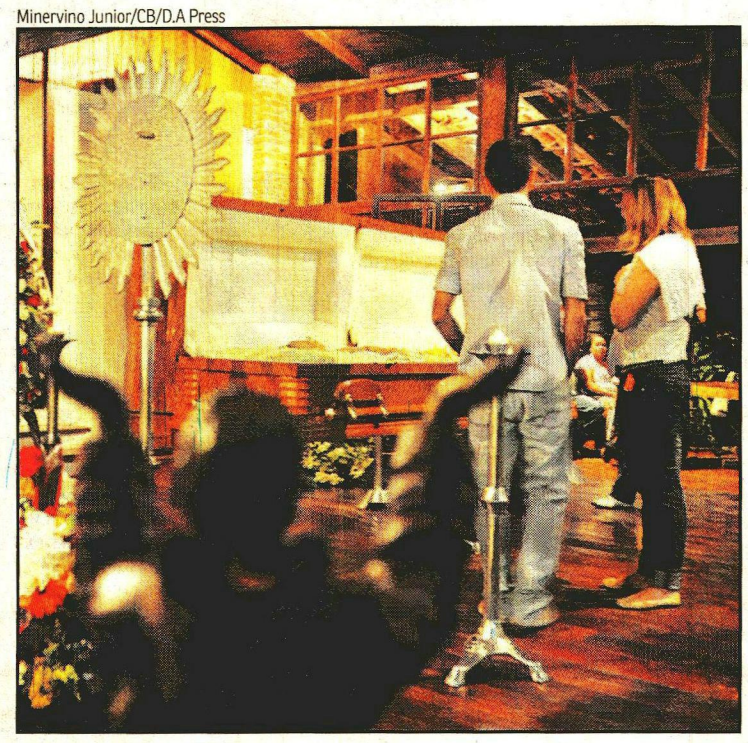


... E com o ministro Sepúlveda Pertence, ex-presidente do STF

www.correiobraziliense.com.br

Confira no site imagens e entrevistas com Vera Brant.

Minervino Junior/CB/D.A Press



O velório de Vera Brant teve início ontem na casa dela, no Lago Sul

Uma amiga autêntica

O entardecer de ontem foi particularmente triste para familiares e amigos de Vera Brant. Eles receberam, por volta das 18h, o caixão da pioneira na casa dela, na QI 19 do Lago Sul. Ele foi colocado na sala onde ela costumava receber alguns dos nomes mais importantes da vida política e cultural do país. Voltada para um flamboyant — árvore do amplo jardim que ela mais gostava —, Vera foi velada durante toda a noite pelos sobrinhos, sobrinhos-netos e conhecidos mais próximos.

Os ex-ministros Carlos Ayres Britto, Sepúlveda Pertence e Fernando Neves prestaram as últimas homenagens à amiga, que descreveram como "autêntica" e "fiel". "A conheci rapidamente no fim da década de 1950, no Rio de Janeiro. Em Brasília, passamos a ter mais contato. Durante os 50 anos que frequentei a casa dela, presenciei encontros inesquecíveis. Foi o refúgio de encontro dos caçados e perseguidos", disse Pertence, referindo-se aos amigos que foram ameaçados pela ditadura nos primeiros anos da capital.

"Vera era uma figura humana incomparável, que se revelou uma intelectual com livros que se incorporam ao melhor da literatura", concluiu Pertence. Carlos Ayres Britto, que conta ter conhecido a pioneira há 11 anos, reforça que ela era uma literata de mão cheia. "Uma promotora cultural", definiu ele, dizendo que Vera estava sempre cercada de intelectuais, alguns políticos, outros artistas. Ayres Britto diz que foi por meio dela que conheceu alguns representantes da família Caymmi, Armandinho Macêdo, Milton Nascimento, Fernando Brant, Hamilton de Holanda e muitos outros.

Fernando Neves destacou que, para ela, os amigos era o que existia de mais valor. Não interessava, segundo ele, se eram figuras de destaque ou não. "Ela vivia para os amigos e era de bem com a vida. Jamais discriminou ou virou as costas àqueles que foram perseguidos pela ditadura, e, por isso, tinha um círculo grande de pessoas ao seu redor", garante.

"Vera Brant, como ela mesmo disse, acompanhou o nascimento da UnB junto com os maiores intelectuais da época, todos empenhados em transformar o sonho de Darcy Ribeiro em realidade"

***Ivan Camargo**, reitor da UnB*

"Mulher dinâmica, inteligente, correta, com qualidades excepcionais. Lutou sozinha e conseguiu vencer as dificuldades"

***Affonso Heliodoro**, bacharel em direito, coronel da Reserva da PM de Minas Gerais e jornalista*

"Pioneira ilustre, amiga e grande confidente de JK. Ela era uma referência em Brasília e vai fazer falta"

***Roosevelt Dias Beltrão**, presidente do Clube dos Pioneiros de Brasília*

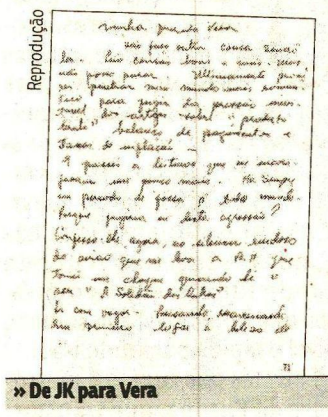
"Certa vez, levei Gonzaguinha até a casa dela, no Lago Sul, e eles bateram um longo papo. Vera convivia com os bons e se mantinha à distância dos canalhas"

***Fernando Brant**, poeta e letrista*

Letras famosas

A pioneira Vera Brant costumava trocar cartas com personalidades brasileiros, amigas próximas. Confira:

Reprodução



» De JK para Vera

"Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1973

Minha querida amiga Vera,
Realmente as suas cartas à nossa Helena Morley são páginas de literatura viva, cheias de beleza e de uma sensibilidade que a todos os instantes prende, encanta e seduz.

E você tem o direito à glória não como 'carona', como modestamente pretende, mas ao contrário, em carro especial, autônomo todo seu, correndo por uma estrada que a sua inteligência soube rasgar por entre os caminhos da arte.

E neste, o gênero epistolar, dos mais raros e difíceis, se enquadra dentro das manifestações mais autênticas de uma capacidade criadora. Porque a carta é um monólogo escrito, portanto, desenvolvendo-se em torno de uma personagem única.

Suas cartas têm um colorido forte, um cheiro de terra e encerram uma mensagem de confiança.

As cartas que me enviou rescendem a um perfume especial que mais parece o nectar que as musas espalhavam nos montes de habitavam.

Seu talento tão pouco me surpreende.

Abraço fortíssimo do amigo e conterrâneo entusiasmado.

Juscelino Kubitschek"

» De Darcy Ribeiro para Vera

"Veríssima,
Você não escreve há séculos, querida, isto é justo? É verdade que eu também não, mas ao menos tenho a desculpa de ser um exilado roído de saudades, amargado de frustração e outras bobagens (sabe que às vezes me envergonho de não ser capaz de fruir o gosto de sofrer o exílio como recomendam os fortes?).

A verdade é que estou bem, trabalhando como um celerado. Só agora, depois de escrever 1.000 páginas de livros, sinto que o acumulado começa a descarregar.

Quando é que você vem aqui, querida?

Os portadores são gente divina e servirão de amostra para você saber o que são os uruguaios, antes de decidir-se a exilar também.

Saudades muitas e muita inveja de não estar aí frustrado e chateado, embora.

Beijos, Verinha.
Darcy"

Homenagem

Vera Brant

Essa mulher é uma torrente de aversão à hipocrisia.
Uma visceral incompatibilidade com o lugar-comum.
Um soco no estômago da intriga.
Um vitorioso remar contra a maré.
Um dedo em riste nas fuças do disfarce,
Carinhosa mão de amante nas faces da transparência.

Essa mulher já era a mais clara nuvem do alvorecer de Brasília
Porque nunca esqueceu o aprendizado de luz com suas primas estrelas.
Se aportou por aqui foi a pedido dos deuses,
Ávidos de se mirar num espelho de cristal a toda hora;
Com chuva ou com sol, de dia ou de noite,
Entre as paredes da casa ou no vão livre das ruas.

O nome dessa mulher é Vera Brant.
Nome pra se ouvir e gravar na pele
do ar que se respira,
E nunca mais adoecer de pequenez da alma.

Carlos Ayres Britto,
ex-ministro do STF